

Biopolítica e psicanálise: uma leitura de Michel Foucault*

Marcus Cesar Ricci Teshainer**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo fazer uma primeira abordagem sobre o tema da biopolítica – conceito cunhado por Michel Foucault – e sua relação com a psicanálise, verificando em quais aspectos esta cumpre um papel biopolítico e em quais não, com base no estudo de textos do período genealógico de Michel Foucault. Nota-se que a psicanálise, ao negar a degenerescência, assume um papel contestador da biopolítica; mas, em outros momentos, pode revelar-se como um instrumento a seu favor.

Palavras-chave: Michel Foucault; psicanálise; biopolítica; sexualidade.

Abstract

This work intends to approach the theme of biopolitics – a concept created by Michel Foucault - and its relationship to psychoanalysis. It aims to investigate in what aspects psychoanalysis fulfils a biopolitical role and in what aspects it does not, based on texts from Michel Foucault's genealogic period. We notice that when psychoanalysis denies the degeneration theory, it contests biopolitics; however, in other moments, it can be a biopolitical instrument.

Keywords: Michel Foucault; psychoanalysis; biopolitics; sexuality.

Um tema que pode despertar interesse no campo da psicanálise, dentre tantos outros possíveis, é o papel político que esta desempenha na

* Artigo baseado em dissertação de mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, em 2006, sob orientação de Caterina Koltai, posteriormente publicada pela editora Zouk.

** Psicólogo formado pela PUC-SP, especialista em Teoria Psicanalítica pela Cogea, mestre em Sociologia pela PUC-SP e doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP. Atende em consultório particular. E-mail: ideafix@uol.com.br

sociedade contemporânea ocidental, tema esse que nos remete naturalmente à obra de Michel Foucault e seu conceito de biopolítica. Este artigo tem por objetivo verificar se há ou não relação entre a psicanálise e os dispositivos do biopoder e da biopolítica. A intenção é apresentar essa questão com o intuito de alimentar a continuidade de estudos sobre a psicanálise no contexto da obra desse autor que ora focalizamos.

Foucault mostra-se um autor de múltiplos temas, multiplicidade essa que é parte constituinte de seu método de trabalho, de forma que a exclusão de qualquer uma dessas facetas pode ser prejudicial. Podemos, no entanto, demarcar campos de pesquisa e considerar os paradoxos como possibilidades daquela multiplicidade, evitando mesmo a busca de uma unidade como eixo norteador.

Inicialmente, passaremos rapidamente por toda a obra de Foucault, observando as diferentes formas pelas quais ele enfoca a psicanálise. Depois, verificaremos como se forma uma política que incide sobre a vida para, finalmente, tentar entender qual o papel da psicanálise nessa política.

A obra de Foucault pode ser dividida em três períodos: o arqueológico, o genealógico e o ético.

No período *arqueológico*, Foucault (2003, p. 60) procura as condições de existência e emergência dos discursos científicos com aquilo que deve ser dito e excluído dos mesmos. Ele entende que as demonstrações científicas não passam de um ritual e o sujeito do conhecimento não é universal, mas um indivíduo historicamente qualificado. E, assim, mostra que a verdade é uma produção.

Em sua primeira obra, *Doença mental e psicologia* (1962), Foucault já trata da psicanálise e afirma que ela, bem como os outros discursos e saberes sobre a loucura, criam conceitos e etiologias para explicá-la. Para o filósofo francês, Freud trouxe uma importante contribuição, ao possibilitar uma linguagem comum entre a razão e a desrazão. Já em *História da loucura na Idade Clássica* (1961), Foucault entende que a psicanálise se configura como mais um saber sobre a loucura, não havendo qualquer ruptura significativa com a psiquiatria ou com os outros saberes da época, uma vez que a psicanálise não permite que o louco deixe de ser visto como o outro da razão. Em *O nascimento da clínica* (1963), Foucault mantém suas críticas, apresentadas

anteriormente em *A História da loucura*, e afirma haver uma continuidade entre o dispositivo da clínica e o dispositivo da experiência psicanalítica. Além disso, na obra *As palavras e as coisas* (1966), Foucault passa a analisar a psicanálise como um desdobramento no campo das ciências humanas, colocando em jogo o conceito de inconsciente.

A partir da década de 1970, inaugura-se o período chamado de *genealógico*. A genealogia, que, segundo Foucault (2003, pp. 238-239) é o lado histórico da arqueologia, toma a sexualidade como objeto – e isso significa estudá-la a partir de um certo número de instituições, tentando entendê-la através das práticas da confissão, da direção de consciência, dos relatórios médicos, etc. Nesse momento, o conhecimento faz um intercâmbio entre uma certa jurisdição das relações sexuais, que define o que é permitido e o que é proibido, e a veracidade do desejo, que é, para Foucault (2004, p. 36), a armadura fundamental do objeto sexualidade.

A primeira obra dessa fase é *Vigiar e punir* (1975), na qual Foucault mostra como o indivíduo se torna um objeto dócil e útil através da disciplina. Já em *História da sexualidade, v. I – A vontade de saber* (1976), ele estuda a constituição do indivíduo moderno não mais como objeto, mas como sujeito, ou melhor, estuda como o indivíduo se constitui como sujeito de uma sexualidade. Mezan considera essa a obra mais apropriada para se pensar a psicanálise, pois é nela que Foucault apresenta uma arqueologia desta (1985, p. 36).

Segundo Eribon (1990, p. 252), Foucault considera que Freud cria um espaço para as pessoas falarem sobre seus sexos e ao mesmo tempo cria espaço para o nascimento de uma racionalidade sobre o sexo. Um espaço para o sexo falar e, ao mesmo tempo, para se ouvir o sexo.

O período *ético* inicia-se na década de 1980, com o lançamento simultâneo dos vol. 2 e 3 da *História da sexualidade – O uso dos prazeres e O cuidado de si*, nos quais Foucault estuda a ruptura em relação à Antiguidade representada pela ética cristã. Nesses volumes, como diz Fonseca (1995, p. 129), Foucault considera as formas de constituição da individualidade no presente diante do estudo da constituição ética do sujeito moral, que é uma questão importante da contemporaneidade.

Foucault inicia sua *História da sexualidade* dizendo que o XIX é representado por uma burguesia vitoriana, que encerra o sexo dentro da instituição familiar: fica vetado falar sobre esse assunto fora desse ambiente. Analisando a fundo essa questão, o autor procura entender por que o sexo é colocado em um sistema de discursos baseados na repressão, e chega à conclusão de que, em verdade, ao invés de selecionar e de restringir, essa técnica de poder acabou por incitar e disseminar, constituindo uma ciência da sexualidade.

Segundo Foucault (1971, p. 8), houve um movimento de fazer falar de sexo e ser ouvido, que constitui o paradigma da confissão católica. Esta assume um caráter interpretativo, trazendo a idéia de que há uma revelação da verdade.

Foucault (1976, p. 26) nos faz notar que há três séculos o homem moderno criou dispositivos para aumentar e aprimorar a colocação do sexo em discurso, construindo toda uma aparelhagem para produzir uma variedade cada vez maior de discursos: há uma incitação política, econômica e técnica a falar no sexo. Permite-se que se fale sobre ele publicamente, por meio de um discurso racional científico, ativando, assim, instrumentos de poder.

Para Foucault, poder é sempre um exercício que produz saber, e não deve ser entendido como negação da liberdade e promotor de exclusão; não é uma relação bipolar entre uns que o detêm e outros que o desejam: poder é sempre produtor. Portanto, o poder produz discursos. No caso do sexo, uma multiplicidade deles, gerados por diversos mecanismos em diferentes instituições.

Neste instante, cabe questionar se a psicanálise também não é uma instituição ou um saber que promove uma proliferação de discursos.

A explosão discursiva definiu como referência de sexualidade a monogamia heterossexual. A sexualidade regular do casal passa a funcionar como uma norma. Ao se definir uma sexualidade normal, também é possível determinar uma sexualidade periférica. Pode-se, assim, interrogar a sexualidade normal a partir de sua periferia.

Normalizar, no caso, significa comparar, diferenciar, hierarquizar, homogeneizar, excluir, através da articulação dos valores do bem e do mal; em outras palavras, normalizar significa organizar.

Segundo Foucault (1976, p. 40), no Ocidente, por meio da norma, organizam-se dois sistemas de regras que regem o sexo: a *lei da aliança* e a *ordem dos desejos*. A lei da aliança refere-se ao modo de as pessoas se ligarem umas às outras, dentro dos padrões normais de sexualidade; a ordem dos desejos refere-se à condução dos desejos sexuais dos indivíduos. A norma acaba por disciplinar os corpos, e a disciplina tem por objetivo fabricar corpos submissos, tornando-os obedientes e úteis.

Através da instituição das diversas disciplinas do saber, localizam-se as patologias sexuais nos corpos. O exercício das disciplinas faz com que o poder observe e examine o corpo, promovendo uma sensualização do poder. O exercício desse poder se faz, assim, através do corpo e do sexo e esse poder foi exercido ditando e apontando os desvios sexuais, e não proibindo e reprimindo discursos.

Foucault (ibid., p. 61) nota que, no esforço de atingir a verdade do sexo, foram revelados dois procedimentos: a *Ars Erotica* e a *Scientia Sexualis*. Na *Ars Erotica*, a verdade é obtida pela transmissão didática de um mestre a um discípulo; e na *Scientia Sexualis*, que tem a *confissão* como instrumento privilegiado, a verdade é revelada de baixo para cima, do confessor para o ouvinte – o detentor do poder –, e o discurso confessado surte efeito não em quem o escuta, mas em quem o pronuncia.

A confissão apresenta, basicamente, duas características fundamentais: a primeira é a coincidência entre o sujeito que fala e o sujeito do enunciado, o que a define como um ritual de discurso; a segunda é a necessidade de uma relação de poder para que esse ritual se desenvolva: se não houver alguém que a solicite e a ouça, a confissão não acontecerá.

Podemos dizer que a psicanálise reúne essas duas características, pois, no divã, o sujeito, que discorre livremente, fala de si e pronuncia sua fala a um analista que ouve e interpreta.

Consideramos, então, que o sexo é interrogado e responde ininterruptamente. Responde com a verdade de si e a nossa, promovendo um jogo de prazeres que o torna objeto de uma imensa curiosidade. Há um grande prazer em interrogar a sua verdade. Não só prazer, mas também saber, formando um jogo sutil que passa de um para outro.

Podemos considerar que, para Foucault (1976, p. 101), dois sistemas colocaram o sexo em discurso, cada um com suas regras e características: o *dispositivo da aliança* e o *dispositivo da sexualidade*. O ponto de fixação de ambos é a família, já que as relações familiares, perpassadas por afetos sexuais, e a oitiva do sexo fazem nascer uma lei que proíbe o incesto, ponto no qual os dois dispositivos estão representados.

A psicanálise, que implica lei e desejo, torna-se uma técnica para eliminar os efeitos patogênicos trazidos pelo rigor da repressão. A lei do incesto é um exemplo de interdição da sexualidade que vale para toda a sociedade, para todo indivíduo. Na prática, a psicanálise tenta eliminar os efeitos do recalque que a interdição pode induzir, permitindo que o desejo incestuoso seja articulado em discurso e propiciando a cura dos problemas provocados.

Para Foucault (2003, p. 220), a partir do século XIX, notam-se duas grandes invenções no campo dos saberes: uma *medicina do sexo* e um *problema de eugenia*, articulados pela teoria da degenerescência. Chama-se de degenerada uma criança sobre a qual pesam, como estigmas ou marcas, os restos da loucura de seus pais ou de seus ascendentes: é a marca, em forma de anomalia, da loucura dos ascendentes.

O advento da psicanálise rompe com a lógica da degenerescência, distanciando-se das teorias da hereditariedade, e recupera o projeto de uma medicina dos instintos sexuais, promovendo um equilíbrio na medicina dos racismos e eugenismos. Foucault afirma que a psicanálise, dentre as tecnologias do sexo, foi a única medicalização que se opôs “aos efeitos políticos e institucionais do sistema perversão-hereditariedade-degenerescência” (1976, p. 113).

Agora vale introduzir uma pequena quebra para apresentar o conceito de biopoder e biopolítica, que trata da articulação do que já foi apresentado.

Foucault (1976, p. 128) nota que, a partir do período clássico, o Ocidente viu nascer uma nova forma de poder: o que era anteriormente o poder soberano, definido pela supressão da vida, passa a ser uma gestão, uma afirmação da vida. Porém, à custa dessa gestão e dessa afirmação, nunca se matou tanto: populações inteiras foram sacrificadas; as guerras

deixam de ser travadas em nome da defesa de um soberano e passam a visar a valoração da existência de todos; dizima-se uma população inteira para que outra possa continuar a existir.

Para Agamben (2002, p. 119), a instalação de uma biopolítica pode explicar o surgimento do holocausto, que elege a vida do povo hebreu como uma vida que não vale a pena ser vivida, para então afirmar que a vida da raça ariana é que tem valor.

Para Foucault (1976, p. 131), existem dois momentos marcantes no desenvolvimento da biopolítica: as *disciplinas do corpo* e as *regulações da população*. O primeiro, presente a partir do século XVIII, centrou-se no corpo, entendendo-o como uma máquina, e promoveu um adestramento através das disciplinas, potencializando e otimizando as suas capacidades; o segundo, ao longo da segunda metade do século XVIII, investiu no corpo espécie, ou seja, corpo como lugar do desenvolvimento dos processos biológicos e dinâmicos dos seres vivos, gerando uma intervenção que visava regular e controlar a população.

No âmbito da biopolítica, o sexo torna-se um elemento importante, uma vez que articula dois eixos de uma tecnologia da vida: as disciplinas do corpo e a regulação das populações. O sexo é o meio pelo qual o investimento político pode acessar tanto a vida do corpo quanto a vida da espécie.

Considerando as análises feitas, é possível agora responder à questão fundamental que orientou este trabalho.

Foucault demonstra que, no século XIX, devido à incitação do discurso sobre sexo mascarado como proibição, era biopoliticamente correto falar de sexo em determinados lugares e contextos, por determinadas pessoas e de uma determinada forma. Isso coloca Freud e a psicanálise dentro dos padrões biopolíticos: Freud está falando de sexo de uma forma e de um lugar autorizado; do mesmo modo, o *setting* analítico é um lugar autorizado, onde se fala livremente da sexualidade, e o analista é autorizado a ouvir e a interpretar essa confissão.

Foucault também atribui à psicanálise um lugar no contexto das tecnologias políticas. Como a psicanálise se insere no campo de saber da sexualidade, pode-se pensar que o interesse político pelo sexo e pela sexua-

lidade tenha tornado possível que o discurso psicanalítico fosse pronunciado, já que a psicanálise pode ser considerada como um instrumento de regulação sexual.

No entanto, Foucault (1976, p.141) afirma que, em um movimento contrário ao do racismo, a psicanálise desconfia dos mecanismos de poder que objetivam controlar e gerir o cotidiano da sexualidade, dando a ela a lei como princípio.

Assim, a psicanálise, pela ótica foucaultiana, é parte dinâmica das correlações de forças e das situações estratégicas de determinadas sociedades. Esse dinamismo da psicanálise revela um caráter normalizador do corpo sexual, já que, na análise da sexualidade, esse saber põe em questão as relações familiares, ligando-a à lei da aliança.

Para Foucault, a psicanálise é um instrumento que produz e ritualiza um discurso sobre o sexo e a sexualidade. Desse modo, seria um mecanismo de regulação dos discursos e estaria ligada a um poder de incitação discursiva.

A Teoria do Incesto é um outro ponto de ligação entre psicanálise e poder, pois o que antes era considerado crime passa a ser aceito, já que a psicanálise defende que a origem do sujeito está na articulação do desejo infantil dirigido aos seus pais.

Notamos, então, que a psicanálise permite a normalização do corpo sexual através de sua vinculação com o dispositivo da aliança, e também permite a regulação da população, já que ela pode ser considerada como um mecanismo de regulação do discurso sexual.

Além disso, a psicanálise nega a idéia de degenerescência sexual, que permite, junto com a idéia de hereditariedade, a existência do racismo e do eugenismo, que sustentaram e ainda sustentam as biopolíticas totalitárias. A psicanálise, ao negar a degenerescência, impede que se forme qualquer ideal racista baseado em sua sustentação teórica, o que levou Foucault a dar a ela uma honra política.

Podemos concluir, assim, que para Foucault não existe uma psicanálise essencial, universal e única, mas sim psicanálises, no plural, que, em diversos aspectos e variadas formas de seu exercício e em determinadas culturas e países, ora cumpre um papel biopolítico, ora liberador, denunciador, contestador e até mesmo opositor da biopolítica.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. (2002). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG.
- ERIBON, D. (1990). *Michel Foucault 1926–1984*. Trad. Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.
- FONSECA, M. A. (1995). *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ.
- FOUCAULT, M. (1961). *História da loucura na Idade Clássica*. 6 ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____(1962). *Doença mental e psicologia*. 5 ed. Trad. Lílian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- _____(1963). *O nascimento da clínica*. 5 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- _____(1966). *As palavras e as coisas*. 8 ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____(1971). *A ordem do discurso*. 5 ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____(1975). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 17 ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____(1976). *História da sexualidade v. I: a vontade de saber*. 14 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____(2003). *Le Pouvoir Psychiatrique*. Cours au Collège de France 1973-1974. Paris: Gallimard/Seuil (Hautes Études).
- _____(2004). *Naissance de la Biopolitique*. Cours au Collège de France 1978-1979. Paris: Gallimard/Seuil (Hautes Études).
- MEZAN, R. (1985). “Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise”. In: RIBEIRO, R. J. (org.). *Recordar Foucault: os textos do colóquio Foucault* (pp. 94-125). São Paulo: Brasiliense.